

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Humberto Vieira¹

Marcus Alexandre de Pádua Cavalcanti²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo é utilizar conceitos e contribuições da psicanálise para discutir questões relativas à prática educacional. O intuito é refletir sobre as possibilidades de contribuição da psicanálise para a formação de professores, problematizando os modelos de formação e prática docente que homogeneízam o que deveria ser singular à experiência do sujeito. Nesse contexto, buscamos contribuições de algumas categorias importantes da teoria psicanalítica a partir da pesquisa bibliográfica de autores nessa perspectiva teórica, como importante via na compreensão dos processos psíquicos inconscientes envolvidos no campo da formação de professores.

Palavras-Chave: Psicanálise; Educação; Formação de Professores.

THE CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS TO TEACHER TRAINING

ABSTRACT

This article aims to use concepts and contributions of psychoanalysis to discuss issues related to educational practice. The aim is to reflect on the possibilities of psychoanalysis's contribution to teacher training, problematizing the models of teacher training and practice that homogenize what should be unique to the subject's experience. In this context, we seek contributions from some important categories of psychoanalytic theory from the bibliographical research of authors in this theoretical perspective, as an important way in understanding the unconscious psychic processes involved in the field of teacher education.

Keywords: Psychoanalysis; Education; Teacher training

¹ *Psicanalista e Diretor* do Instituto Brasileiro de *Hipnose Reconstitutiva*

² Doutorando em Educação em Ciências e Saúde – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UFRJ - Membro do Laboratório de Linguagens e Mediações - UFRJ - Centro de Ciências da Saúde. E-mail: marcus_nathan1203@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A ciência vem possibilitando ao ser humano uma maior aproximação do conhecimento empírico e de suas práticas. Como consequência, mudanças e transformações estão ocorrendo no comportamento de toda a sociedade. O desenvolvimento e a industrialização intensiva passaram a ser as principais metas da sociedade atual (CHARLOT, 2008). A autora afirma que

Estamos vivendo numa época em que, cada vez mais, está se desenvolvendo um desejo, uma ambição de esclarecer tudo, de dominar tudo. E, assim, temos que pensar a transferência de um conteúdo e de uma capacidade cognitiva, de uma matéria para uma outra; temos que organizar tudo; queremos estabelecer uma transparência total. É o nosso fantasma de dirigir tudo, de dominar tudo, de conhecer tudo (CHARLOT 2008, p. 106).

Mesmo com o advento científico e tecnológico, o conhecimento pleno e a tão almejada felicidade não foi atingida. Ao contrário, um mal-estar instalado parece perdurar ou, mesmo, ampliar-se com a vida em sociedade. Freud (1930/1976e) ressalta que nossas possibilidades de felicidade são sempre limitadas por nossa própria constituição. Desse modo, o autor considera que a infelicidade é algo mais comum de se experimentar e que o sofrimento que nos ameaça teria, possivelmente, três origens. A primeira delas seria derivante de nosso próprio corpo, já condenado à decadência e à dissolução; a segunda aponta para as ameaças sofridas pelo mundo externo, tais como catástrofes oriundas das forças naturais e, finalmente, a terceira origem, seria resultante das relações que estabelecemos com os outros indivíduos.

Segundo Charlot (2008), o campo educacional não seria uma exceção a essa regra. Embora, nas últimas décadas, estudiosos que se debruçam sobre a temática tenham buscado ampliar a compreensão acerca da prática docente e seu entorno, visando um produzir uma prática docente eficaz, prazerosa e menos desgastada nas relações de ensino e de aprendizagem, os professores da contemporaneidade vêm apresentando um discurso de maior insatisfação, alegando, muitas vezes, um sentimento de impotência frente às demandas de seus alunos e do sistema educacional.

Nesse sentido, referindo-se ao cenário educacional atual e à postura adotada pelos professores, Charlot (2008, p.104) destaca que.

A prioridade, como professor, é sobreviver e, depois, formar os alunos. Isto não é uma questão de princípio, é a realidade: sobreviver

psiquicamente, sobreviver na sua identidade profissional e, às vezes, sobreviver fisicamente.

Esta citação nos revela alguns apontamentos. O primeiro deles é a ideia de que esta sobrevivência não está relacionada somente a um saber puramente profissional, mas emerge do cotidiano, frente às muitas contradições e dificuldades vivenciadas na prática da docência. Em segundo lugar a ação de formar alunos, atravessada pelo saber profissional que este professor vai construindo em seu processo de formação, é relegada a um segundo plano. Desse modo, o diálogo aqui proposto entre a Psicanálise e a Educação busca reconhecer a complementaridade existente entre esses dois campos teóricos estabelecendo pontos de convergência que favoreçam a compreensão da dimensão subjetiva no processo de formação do professor.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é verificar como o campo da Formação de Professores tem dialogado com a Psicanálise, questionando o discurso tecnicista pedagógico e refletindo sobre as possibilidades de contribuição para a formação de professores, interrogando os modelos de formação e prática docente que padronizam o que deveria ser singular à experiência do sujeito. Desse modo, pretendemos apontar caminhos que busquem combater a impotência que emerge do cotidiano dos professores, Para isso, buscaremos compreender aquilo que Freud denominou como impossível como uma possibilidade de docência para o sujeito.

As dificuldades na Formação de Professores

De acordo com Martins (2009) o campo da formação de professores tem sido marcado por uma cultura de dependência e subsídio. Fato explicitado quando observamos a transmissão massificada de técnicas e teorias, sem, contudo, ouvir as vozes dos sujeitos participantes desse processo, distanciando-os e relegando-os a uma posição objetal.

Marin (1995, p.15) discordando desta postura firma que.

Penso que, em se tratando de profissionais de educação, há inadequação em tratarmos os processos de educação continuada como treinamento quando desencadearem apenas ações com finalidades meramente mecânicas. Tais inadequações são tanto maiores quanto mais as ações forem distantes das manifestações inteligentes, pois não estamos, de modo geral, meramente modelando comportamentos ou esperando reações padronizadas; estamos educando pessoas que

exercem funções pautadas pelo uso da inteligência e nunca apenas pelo uso de seus olhos, seus passos ou gestos.

Dessa forma, o autor nos convoca a pensar em uma formação de professores que não seja pautada meramente em cunho teórico, prático e metodológico, que visa modelar um perfil ideal de pedagogo, uma vez que existem lacunas, ambiguidades e imprecisões que fogem desse ideário (NETO, 2008).

No que diz respeito ao mal-estar instalado entre os docentes, Pedroza (2010) assinala que esse mal-estar pode estar relacionado a um conflito entre os resultados da prática docente e o discurso pedagógico hegemônico que a rege. Tal discurso apregoa que “o sucesso nas aprendizagens depende da aplicação correta e racional de instrumentos, que levados a cabo garantem o alcance exitoso daquilo que foi proposto” (MALDANER, 2009, p.20). Dessa forma, cria-se a tese ilusória de que é possível controlar todos os efeitos da metodologia que utilizada, o que geraria angústia quando esses sujeitos habilitados para as práticas de ensino se veem afrontados diante do que foge ao seu saber.

Opondo-se a esse discurso, a Psicanálise, em diálogo com a Educação, tem exposto que o ato de educar não se limita a uma transmissão de informações e conteúdos, mas implica diretamente o professor e o aluno como sujeitos na construção do conhecimento. Portanto, conforme aponta (PEREIRA, 1998, p. 170).

Ensinar não consiste em aplicar cegamente uma teoria e nem a conformar-se com um modelo. É, antes de mais nada, resolver problemas, tomar decisões, agir em situações de incerteza e, muitas vezes, de emergência. Sem, para tanto, afundar no pragmatismo absoluto e em ações pontuais.

Para Maldaner (2009) o discurso cartesiano positivista adotado anteriormente pela Pedagogia entra em choque com os pressupostos psicanalíticos, pois estes elucidam as limitações daquele frente à complexidade da ação educativa, uma vez que:

Freud e a Psicanálise nos ensinaram que cada criança tem seu ponto, sua singularidade. A partir dessa menção, podemos dizer que o professor não tem controle total dos efeitos de suas palavras sobre os alunos. Não saberá o que o aluno fará com as ideias que essas palavras querem expressar e com o que as associará. Com o conceito de inconsciente podemos nos conceber também como sujeitos do desconhecimento, no qual algo sempre escapa à pretensão de controle consciente, como, por exemplo, de tudo o que aprendemos (MALDANER, 2009, p.21).

É nessa perspectiva que a Educação é vista por Freud como uma missão impossível, uma vez que o educador tenta exercer seu poder pela fala, a partir de um discurso consciente, previamente estabelecido, buscando-se efeitos previsíveis. No entanto, sob a ótica do inconsciente, a palavra escapa ao falante. A palavra não dá conta do todo, do real que foge às articulações simbólicas da fala. O inconsciente prevalece no discurso tecido e seus efeitos são imprevisíveis e imensuráveis, em se tratando tanto do sujeito emissor, que não tem o controle sobre os caminhos de seu discurso, como de seu receptor, que estará também passível a processos inconscientes (KUPFER, 1989).

Assim, a concepção de Freud acerca deste impossível está não no sentido de uma não aplicabilidade, mas porque o autor considera a pulsão como algo intenso. Em Freud, “o impossível não é sinônimo de irrealizável, mas indica principalmente a ideia de algo que não pode ser jamais integralmente alcançado: o domínio, a direção e o controle que estão na base de qualquer sistema pedagógico” (KUPFER, 1989, p. 59).

Além do mais, nunca se ensina da mesma forma que antes. Em cada prática, o projeto educacional se transforma e se ajusta aos contextos e aos sujeitos direcionados. Mrech (2005, p.28) afirma que:

Não há uma transmissão igual. Ela é sempre diferente e inovadora, mesmo quando acreditamos que seja repetida e igual. Por quê? Porque os alunos são outros, o contexto é outro. A educação orientada pela psicanálise sugere, portanto, que o inconsciente de cada sujeito seja levado em consideração.

Pensar numa educação para o sujeito é diferente de pensar em uma educação para todos. De acordo com Mrech (2005) a categoria todos é da ordem de um modelo moderno de Educação, que privilegia o universal e não a especificidade de cada aluno. Pensar em uma educação para o sujeito, como sugere a psicanálise, diz respeito à outra ordem. Trata-se de privilegiar a singularidade do aluno, seu contexto de vida e não a sua ordem social.

Mrech (2005) aponta que o que temos visto em nossas escolas é uma prática fundada muito mais na ordem social. Não no sentido de considerar o outro enquanto ser social, como destaca alguns autores da linha interacionista de educação, mas no sentido de padronizar o ensino. Busca-se o método que salvará os alunos do analfabetismo; aplica-se aquele eleito como implacável; escolhe-se o mesmo material didático, a mesma atividade, o mesmo plano de curso, a mesma metodologia, e ainda espera-se que

os resultados alcancem êxito de maneira igualitária em todas as turmas em que foram aplicados.

Para Martins (2009) é evidente que essas relações apenas privilegiam os conteúdos, as grades curriculares, a organização burocrática, relegando a instâncias inferiores os aspectos não cognitivos como o afeto, a emoção, as expressões do inconsciente.

O não reconhecimento por parte dos educadores destes elementos, como inerentes à relação educativa, nos remete à hipótese de que eles não estabelecem uma relação mais profunda com aqueles que estão trabalhando diretamente – os estudantes. De certa forma os professores se "ausentam" nessas relações, principalmente quando os estudantes apresentam dificuldades em sua vida acadêmica geralmente acompanhadas por problemas comportamentais (MARTINS, 2009, p.06).

Libâneo (2001) afirma que mesmo frente às muitas mudanças curriculares e metodológicas e à emergência de novas teorias, inclusive psicológicas, acerca dos processos de ensino e de aprendizagem, ainda é presente em nossas salas de aula uma relação que se estrutura verticalmente, onde o professor detém o conhecimento e o aluno recebe passivamente tal conteúdo.

Mrech (2005) aponta que um espaço propício para incitar mudanças nesse contexto educacional é a Formação Continuada de Professores, uma vez que esta acontece concomitantemente ao exercício diário de sua docência. No entanto, é quase unânime o consenso de que esses espaços têm se destinado a uma aprendizagem uniforme dos métodos, das teorias de aprendizagem, das técnicas de ensino, como que em uma receita linear. Formadores e formandos são envolvidos numa ilusão de que é possível tudo saber, de que se pode ser um profissional completo, pleno, adequável a qualquer situação educativa. Tal ilusão é facilmente estraçalhada quando nos deparamos com o inconsciente, com a subjetividade humana.

A ação da Psicanálise na Educação

Historicamente, a Psicanálise e Educação são dois campos que no decorrer dos séculos foram aproximados, seja do ponto de vista teórico como na prática por diversos autores desde a primeira abordagem do assunto feita por Freud. O psicanalista iniciou esse diálogo a partir de estudos com pacientes histéricas, pois investigava o papel da

Educação na repressão da sexualidade, já que está encarregada de transmitir a moralidade, inculcando o pecado e a vergonha sobre os desejos libidinais do sujeito. Para ele, a atitude moral diante da sexualidade era a responsável pelas neuroses, por isso, classificava a educação de sua época como “fábrica de neuroses” (KUPFER, 2007).

Retomando o sujeito de seu próprio discurso, tornando-o autor de sua palavra e do seu desejo no confronto com a realidade, a psicanálise emerge considerando o sujeito como um ser. Desse modo Pedroza (2010, p.89) afirma que:

Dotado de inconsciente e desejos que influenciam e modelam o pensamento e a ação conscientes. Sendo assim, em contraposição a outras propostas de formação de professor que se constituem praticamente em técnicas de intervenção da realidade, fornecendo um instrumental teórico e prático, visando principalmente à adaptação ao contexto da escola, surge a Psicanálise, através do seu conceito de inconsciente, como um saber transgressor ao ideal das ciências experimentais.

Acerca dessa possibilidade de articulação entre a Psicanálise e a Educação, Freud apresenta diferentes proposições ao longo de sua obra. Inicialmente é possível observar que ele teceu uma relação causal entre a repressão sexual e o surgimento das neuroses. Para o teórico, a repressão da sexualidade estaria associada ao papel exercido pela educação, destacando aqui a inibição do pensamento. Desta forma, "escreve que os educadores precisam ser informados de que a tentativa de supressão das pulsões parciais não só é inútil como pode gerar efeitos como a neurose" (KUPFER, 1989, p. 44).

No texto *Três Ensaio*s (Freud, 1905/1976a), destaca que o papel da educação é limitado ao ensinamento de condutas sociais. Segundo ele, muitas vezes o educador percebe a sexualidade infantil e a força que ela exerce sobre a criança, mas a ignora por questões morais e sociais, desconsiderando a função que ela exerce no processo de construção e apropriação do conhecimento.

Na medida em que os educadores prestam alguma atenção à sexualidade infantil, eles se comportam exatamente como se partilhassem novos pontos de vista quanto à construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, é como se soubessem que a atividade sexual torna uma criança ineducável, pois eles estigmatizam toda manifestação sexual das crianças como um 'vício', sem poderem fazer muito a respeito. Nós, por outro lado, temos todo motivo para voltar nossa atenção para estes fenômenos que são tão temidos pela educação, pois podemos esperar que eles nos ajudem a descobrir a

configuração original dos instintos sexuais (FREUD, 1905/1976a, p.184-185).

Com relação a isso, em sua obra *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud (1908/1976b) afirma a importância de se fazer uma investigação acerca das lembranças dos pacientes sobre fatos importantes ocorridos na infância, exatamente por acreditar que possa existir alguma relação entre os sintomas neuróticos com a sexualidade infantil.

Posteriormente, o autor revê seu posicionamento e conclui que a origem da neurose não se dá de forma tão simples. Freud assume que só o conhecimento acerca da sexualidade não esgota a complexidade dessa problemática e afirma que mesmo as crianças tendo sido esclarecidas sobre ela, isso não as impede de continuar acreditando em suas próprias teorias acerca de assuntos voltados para a sexualidade (LIMA, 2009).

Portanto, a compreensão por parte dos educadores dessas questões ainda seria capital, uma vez que determinados comportamentos infantis, considerados perversos, são fundamentais para a formação do psiquismo (FREUD, 1976). Desta forma, revela um novo papel para os professores: direcionar esses impulsos para a sublimação, ou seja, um processo de substituição do "seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados" (Freud, 1976c, p.72).

A educação deve escrupulosamente abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras. Tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida (Freud, 1913/1976 d, p. 226-227).

As bases necessárias ao processo de sublimação são fornecidas pelas pulsões sexuais parciais e claramente perversas, "uma ação educativa que se propusesse a desenraizar o mal em que nasce a criança estaria fadada não só ao fracasso, como estaria atacando a fonte de um bem futuro" (KUPFER, 1989, p. 43-44).

Freud (1910/1976c) propõe que esse mal seja redirecionado, canalizado pelo educador a valores de uma ordem superior socialmente aceitos. O bem futuro seriam as atividades culturais, artísticas e científicas resultantes desse processo.

Porém, as desconfianças do autor com relação a este feito começam a surgir quando evidencia que a sublimação não se trata de um processo consciente, mas é um mecanismo direcionado e produzido pelo inconsciente. Por conseguinte, não pode ser

controlado ou direcionado, como supôs, anteriormente, ser parte da função do professor. Ainda assim, considera que "o educador é aquele que deve buscar, para seu educando, o justo equilíbrio entre o prazer individual - vale dizer, o prazer inerente à ação das pulsões sexuais - e as necessidades sociais - vale dizer, a repressão e a sublimação dessas pulsões" (KUPFER, 1989, p. 45 - 46).

De acordo com Freud (1932/1976f, p. 183) a base desta busca estaria em uma educação psicanaliticamente esclarecida:

Haveremos de dizer a nós mesmos que a única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica. Seria melhor que o educador tivesse sido ele próprio, analisado, de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente. A análise de professores e educadores parece ser a medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades de pô-la em prática.

Corroborando este pensamento, Kupfer (1989) elucida que seria possível pensar a Formação de Professores vinculada à Psicanálise, possibilitando ao educador uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa. O que for ensinado será confrontado com a subjetividade de cada um, o que permitirá o pensamento renovador, a criação e a geração de novos conhecimentos. Segundo ela, a Psicanálise poderá transmitir:

Um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. Pode contribuir em igualdade de condições com diversas outras disciplinas, como a Antropologia, ou a Filosofia, para formar seu pensamento. Cessa aí, no entanto, a atuação da Psicanálise. Nada mais pode esperar dela, caso se queira ser coerente com aquilo que se constitui essencialmente a aventura freudiana (KUPFER, 1989, p. 97).

Algo nos chamou a atenção neste pensamento. Esta conclusiva apresentada por Kupfer foi publicada em sua obra "Freud e a Educação: o mestre do impossível" em 1989, onde tece uma trajetória histórica dos encontros e desencontros da Psicanálise com a Educação. Como vemos, a autora é incisiva na conclusão de que a primeira, em se tratando de uma aproximação com a segunda, só poderia contribuir com a formação do pensamento do professor, da mesma forma que a Antropologia e a Filosofia, cessando aí, portanto, a contribuição da Psicanálise à Educação.

Considerações finais

Considerando a amplitude de significados que perpassam a função do pedagogo, para além do que propõem os discursos pedagógicos, somos convocados a tecer uma reflexão sobre o modo como as discussões entre a Psicanálise e a Educação têm se efetivado nos espaços de formação deste profissional.

Neto (2008) afirma que os estudos voltados para esta temática tem comprovado que pouco se tem debatido sobre os aspectos que fogem à consciência, sobretudo, referendando-se na Teoria Psicanalítica. Os espaços destinados nas Instituições de Ensino Superior para esse diálogo, principalmente no que se refere ao Campo de Formação de Professores, são mínimos. Quando ocorre, em sua maioria, a Psicanálise é estudada apenas como um tópico disciplinar, não usufruindo tempo suficiente para o desenvolvimento dos conteúdos e reflexões pertinentes à teoria.

De acordo com Pedroza (2010) tal fato pode indicar uma preocupação demasiada dos cursos de formação de professores sobre os aspectos metodológicos de ensino. Embora já tenhamos ultrapassado, teoricamente, o discurso da racionalidade técnica, ainda hoje a formação do professor é pautada numa matriz curricular tecnicista que considera a aprendizagem como um processo puramente consciente, dando ênfase para os componentes cognitivos do indivíduo, negligenciando ou, muitas vezes, negando os processos afetivos e desconsiderando os processos inconscientes. Desse modo,

A contribuição da Psicanálise, cujas origens como teoria encontram-se na prática clínica, certamente não é a de uma aplicabilidade direta às situações educativas. No entanto, sua contribuição está na possibilidade de trazer ao consciente, a partir da análise das práticas educativas, conteúdos do inconsciente do professor de forma a elucidar o porquê de algumas ações em sala de aula. Portanto, a importância da Psicanálise na formação dos educadores não está no sentido de lhes proporcionar mais uma técnica pedagógica, desenvolvida a partir de uma teoria desvinculada da prática, mas, sim, de remeter-lhes a um constante questionamento sobre sua prática pedagógica e sua relação com o educando (PEDROZA, 2010, p.90).

A psicanálise não aparece como salvação para os problemas educacionais, tampouco como receitas prontas sobre o que deve ser feito na escola, mas como contribuição para o maior entendimento do funcionamento psíquico e inconsciente dos sujeitos envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem, promovendo a reflexão

docente sobre o próprio fazer pedagógico, ressignificando suas convicções, anseios e ações mediante a função de facilitador do conhecimento.

Desta forma, precisamos considerar a necessidade de uma formação fundamentada na própria experiência pedagógica do professor, considerando os componentes dessa experiência, interrogando os modelos de formação e prática docente que padronizam o que deveria ser peculiar à experiência singular desse sujeito. Assim, apesar das habilidades técnicas alicerçadas numa determinada racionalidade serem necessárias, é preciso tecer pesquisas e reflexões que ressaltem esses indivíduos como objetos de desejos, de manifestações transferenciais, de projeções e de investimentos afetivos.

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, B. Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional. In: Pimenta, S. G.; Ghedin, E. (Orgs.) **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREUD, S. (1905/1976a). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 7. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1908/1976b). **Sobre as teorias sexuais infantis**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1913/1976d). **O interesse científico da Psicanálise**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1930/1976e). **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago.
- Kupfer, M. C. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo, Scipione, 1989.
- KUPFER, M. C. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Escuta, 2000.
- Libâneo, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar em Revista, v. 17, p. 153-176, 2005.
- LIMA, M. S. **Da deficiência mental à inibição: um estudo a partir da contribuição da psicanálise**. Dissertação de mestrado. Universidade de Fortaleza, 2009.
- Maldaner, J. J. **O inconsciente na prática pedagógica**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.
- Marin, A. J. **Educação continuada: introdução a uma análise de termos e concepções**. In: Cadernos Cedes, 1995.
- MARTINS, J. B. (2009). **Contribuições da psicanálise para a formação de professores**. Revista Iberoamericana de Educación. n.º 48/5. 25 de fevereiro, 2009.
- MRECH, L. M. Mas, afinal, o que é educar? In: Mrech, L. M. (Org). **O impacto da Psicanálise na Educação**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- NETO, N. L. S. (2008). **Inconsciente e Educação: implicações da psicanálise na formação do pedagogo**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
- PEDROZA, R. L. S. **Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor**. Psic. da Ed. São Paulo, 2010, 30. pp. 81-96.
- PEREIRA, J. D. **Formação de professores. Pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.